

Entrevista com Christophe Dejours¹

JUNHO DE 2022

Tradução: Vanise Dresch

Kenia Ballvé Behr²

Kenia Ballvé Behr – *Quais são as semelhanças e diferenças entre os conceitos de pulsão de morte (FREUD), pulsão sexual de morte (LAPLANCHE) e compulsão não sexual de morte (DEJOURS)? De seu ponto de vista, qual é a articulação entre a compulsão não sexual de morte e a autoconservação? Por que você entende como não sexual a mensagem extremamente traumática que permanece no amencial do sujeito (e que foi emitida pelo adulto)?*

Christophe Dejours – Na segunda teoria pulsional de Freud, o dualismo pulsão de vida/pulsão de morte substitui o dualismo autoconservação/sexualidade. Assim, a tendência passa a ser atribuir o potencial mortífero inteiramente à pulsão de morte, enquanto a pulsão de vida é cada vez mais polarizada pelo princípio de ligação da excitação. Eros é, então, essencialmente uma pulsão a serviço da construção psíquica. Em sua análise da sexualidade humana, Laplanche assinala que a pulsão sexual não é apenas orientada para a ligação da excitação. Ela é também uma busca de excitação, de aumento de excitação. Tanto assim que para experimentar o prazer, até mesmo o gozo, a pulsão sexual é capaz de pôr em perigo não só o objeto, mas também o próprio eu. Há uma tendência, na sexualidade, de ir cada vez mais longe no desligamento, de buscar ainda mais excitação, levando às vezes até à autodestruição. Laplanche designa essa tendência da pulsão pelo termo *sexual*, enquanto a tendência oposta, aquela que segue em direção à ligação, é mais frequentemente caracterizada por Freud sob a denominação de Eros. No entanto, Eros também não é completamente isento de potencial mortífero, porque um excesso de ligação, como na neurose obsessiva, pode levar a uma imobilização e a um enrijecimento que são deletérios para a vida psíquica – ou para a “vida anímica”, tradução que Laplanche propõe para o termo *Seelenleben*, empregado por Freud. Eros e *sexual* são, portanto, duas vetorizações que pertencem à sexualidade. Laplanche também emprega, para caracterizá-las,

1 Psicanalista, membro do Instituto de Psicossomática de Paris (IPSO) e da *Association Psychanalytique de France* (AFP).

2 Psicanalista, fundadora e docente da Constructo Instituição Psicanalítica, editora da Constructo Revista de Psicanálise e fundadora do Grupo Jean Laplanche Brasil.

os termos *pulsão sexual de vida* (Eros) e *pulsão sexual de morte* (o *sexual*). A pulsão de morte, por isso, não deveria ser separada da pulsão sexual, estando potencialmente no horizonte tanto de Eros como do *sexual*. Em última análise, Laplanche rejeita o dualismo que Freud faz remontar a Empédocles. Ao dualismo pulsão de vida/pulsão de morte, Laplanche substitui o recurso aos conceitos freudianos de princípio de ligação e princípio de desligamento que, segundo ele, são essenciais para analisar a economia pulsional como um todo.

O texto em que Laplanche formula essas proposições metapsicológicas data de 1995: “A assim chamada pulsão de morte: uma pulsão sexual” (conferência proferida em 3 de novembro de 1995 na *Sigmund Freud Stiftung*, Frankfurt, publicada em *Adolescence*, 1997 e em *Entre sedução e inspiração: o homem*). Esse texto é, portanto, anterior à sua introdução da terceira tópica, em outro texto intitulado “Três acepções da palavra ‘inconsciente’ no âmbito da teoria da sedução generalizada” (2003). A introdução da terceira tópica, com o inconsciente encravado, nunca levou Laplanche a pensar que era necessário voltar ao texto de 1995.

De minha parte, penso que o inconsciente amencial é formado por mensagens não traduzidas que permanecerão essencialmente intraduzíveis ao longo da vida. Laplanche, ao contrário, argumenta que as mensagens não traduzidas permanecem, no inconsciente encravado, “à espera de tradução”, o que significa que são potencialmente traduzíveis. Esta é a primeira diferença entre mim e Laplanche. A segunda diz respeito ao fato de que Laplanche não concebe que o inconsciente encravado possa, como tal, dar-se a conhecer na vida anímica. Destina-se apenas a permanecer em silêncio, como as mensagens que contém e que, por não serem traduzidas, também permanecem em silêncio.

Como trabalhei mais do que Laplanche no campo da psicossomática, da psicose e da violência, fui constantemente confrontado com descompensações somáticas, delirantes e psicopáticas. Ora, essas descompensações correspondem, creio eu, a crises que afetam toda a tópica psíquica e que se caracterizam justamente por uma desestabilização da clivagem. Dizer que a clivagem não se sustenta mais significa dizer que o inconsciente amencial não é mais contido, não está mais enclausurado pelos outros sistemas (pré-consciente, inconsciente sexual recalcado, consciente). O que pode ser designado pelo termo *retornos do proscrito* (por analogia com o *retorno do recalcado*) caracteriza os episódios em que o inconsciente amencial se manifesta na “vida anímica”. Isso ocorre geralmente sob a forma de uma descompensação: rompido o equilíbrio entre os 4 sistemas, surgem sintomas que não têm as mesmas características dos sintomas neuróticos (isto é, não são formações de compromisso como a conversão, a fobia, o ritual obsessivo), na medida em que a tópica, justamente, mantém intacta sua arquitetura.

Em outras palavras, quando o inconsciente amencial consegue se dar a conhecer, é porque a clivagem foi desestabilizada. Então, toda a tópica é ameaçada. O inconsciente amencial gerou ali uma crise, provocou uma descompensação (psicótica, somática ou psicopática) que põe a

vida em perigo de destruição (a vida anímica e, às vezes, também a vida biológica). Isso é o que caracteriza, a meu ver, o poder mortífero do inconsciente amencial. Diferentemente do inconsciente sexual recalcado, o inconsciente amencial só produz destruição (do outro, de si mesmo e até do outro e de si mesmo).

Por isso, penso que o inconsciente amencial é o reservatório da compulsão “não sexual” de morte. Por que falar de uma compulsão “não sexual”? Porque, de acordo com a Teoria da Sedução Generalizada de Laplanche, a pulsão é sempre sexual e se forma através da implantação e do recalçamento tradutivo. Porém, o inconsciente amencial se formou justamente sem implantação (mas por intromissão) e sem recalçamento tradutivo. É essencialmente um inconsciente não recalcado. Assim, a falta de implantação e a forma violenta de intromissão são marcadas, no corpo, por uma ruptura na subversão libidinal e por uma agenesia do corpo erógeno. Todo o processo de formação do inconsciente amencial escapa à ordem erótica. Compulsão não sexual é uma expressão que sublinha, além disso, uma dimensão de brutalidade (força de puro desligamento que escapa a qualquer ligação possível), até mesmo de violência, sinalizando a ausência de qualquer simbolização possível.

Ainda que o inconsciente amencial tenha, de fato, sua origem no outro adulto e seu inconsciente (o “primado do outro”), a forma específica que a violência do adulto confere ao “acidente da sedução” resulta na sedimentação, na criança, de um estranho interno dotado de potencial destrutivo, inconsciente, não sexual, dentro da tópica psíquica: o inconsciente amencial. Qual é a relação entre a compulsão não sexual de morte e a autoconservação? A formação da compulsão não sexual de morte corresponde à interrupção do processo de subversão libidinal. Esse processo de subversão incide sobre a ordem fisiológica (e, portanto, sobre a autoconservação) e faz surgir uma nova ordem: a ordem erótica. Outra forma de descrever esse processo consiste em dizer que o segundo corpo, o corpo erótico, é formado pela subversão do corpo biológico. O acidente da sedução e a compulsão não sexual de morte implicam o fato de que, nesse lugar do corpo, certos jogos passam a ser proscritos. Ali onde a subversão libidinal da ordem biológica foi barrada, a ordem biológica, na sombra, permanece inalterada. Mas o que exatamente permanece na ordem biológica? Como podemos identificá-lo clinicamente?

A subversão libidinal incide, antes de tudo, sobre uma função fisiológica. No entanto, após esta subversão que deu origem a uma pulsão sexual, a função biológica continua a funcionar normalmente. A subversão libidinal não neutraliza a função na ordem biológica. Ela apenas a faz perder uma parte de seu poder sobre o comportamento, que agora é sensível à pulsão.

Aparentemente, portanto, não há nenhum nexos entre compulsão não sexual de morte e autoconservação. Porém, aprofundando a análise, é necessário esclarecer a distinção entre função fisiológica e ordem biológica. Existem várias funções fisiológicas: respiração, circulação, digestão, função renal, funcionamento do sistema nervoso central, função visual, etc. A ordem biológica

remete mais especificamente aos *comportamentos*, que estão todos, no início, sob o controle das funções e dos instintos. Através da subversão libidinal, os comportamentos passam, em grande parte, sob o controle das pulsões sexuais: trata-se do surgimento da ordem erótica. Na ordem biológica, um lugar muito importante é reservado ao apego, que é, sem dúvida, o grande organizador dessa ordem. Assim, a subversão libidinal constitui, em cada uma de suas etapas, uma subversão do apego. Este se situa, segundo Laplanche – e concordo com ele neste ponto – na ordem instintual e biológica, e constitui a “onda portadora” da comunicação entre a criança e o adulto. Os acidentes da sedução se inscrevem, no desenvolvimento da criança, sob a forma de persistência do instinto de apego. Do meu ponto de vista, esse resquício de apego não se manifesta apenas na forma da “corrente terna”, assumindo muitas vezes a forma de uma dependência da criança em relação ao adulto. E essa dependência persistente se complica posteriormente, muitas vezes gerando uma relação de dominação e submissão, por razões complexas que não podem ser tratadas aqui. Essa relação não é da ordem erótica. No ser humano, a persistência de uma parte não subvertida do instinto de apego confere à autoconservação um potencial de destruição.

KBB – *A violência extrema dos adultos prejudica a capacidade de pensar da criança. No que diz respeito aos efeitos do nível de traumatismo psíquico, você atribuiria a mesma magnitude à violência contra o corpo da criança – seja da ordem do abuso sexual ou de outras agressões físicas – e àquela causada pelo abandono e pela indiferença dos adultos em relação à criança?*

CD – Esta pergunta é feita por muitos colegas psicanalistas. O elemento decisivo no acidente da sedução é o fato de que a criança, sob o efeito do excesso de excitação que se apodera de seu Eu (em formação), não é mais capaz de “pensar-traduzir-ligar” essa excitação. Devido à sua violência, a mensagem é “intraduzível”. De onde vem a excitação? Será que ela vem apenas do outro-adulto? Sim, principalmente. Mas uma parte da excitação também vem da criança. O que desencadeia a violência do adulto é, muitas vezes, uma atitude, um gesto ou um agir expressivo por parte da criança: uma tentativa de brincar com o próprio corpo ou com o do adulto, um jogo que o adulto, justamente, não consegue suportar.

Se, em vez de uma reação direta violenta contra o corpo da criança, o adulto reage afastando-se dela, abandonando-a, fugindo, o que ocorre na economia da excitação? A ruptura brutal da relação pode provocar, na criança, um aumento de excitação que ultrapassa as capacidades de ligação-tradução-pensamento do seu Eu, deixando-a, no fim das contas, em um estado análogo ao que ocorre na forma canônica do acidente da sedução.

KBB – *Podemos dizer que todo acidente da sedução é uma intromissão? Existem diferenças entre esses dois fenômenos ou é a intensidade da intromissão que define o acidente da sedução e suas consequências?*

CD – *Intromissão* é um conceito de Laplanche (1990/1997). Após a introdução da terceira tópica, em 2003, ele não reviu o seu artigo de 1990. O que ele diz sobre isso é: “A implantação é um processo comum, cotidiano, normal ou neurótico. Ao lado deste, *como sua variante violenta*, deve-se considerar a intromissão [...] que interioriza um elemento rebelde a qualquer metabolismo”. Endosso essa assertiva de Laplanche. A intromissão é uma formulação provisória do autor. Ele nunca esclareceu isso posteriormente. Creio que a formulação da intromissão tal como desenvolvida corresponde ao acidente da sedução como tentei descrevê-lo. Sim, penso que todo acidente da sedução corresponde a uma intromissão.

KBB – *O que o faz entender que o conteúdo do inconsciente amencial só possa migrar e integrar-se ao aparelho psíquico pela perlaboração graças ao trabalho do sonho?*

CD – É difícil responder sua pergunta. Identifiquei clinicamente esta via particular que dá acesso a um jogo do corpo até então proscrito pelo acidente da sedução. Esse jogo do corpo, ao tentar se esboçar na relação da criança com o adulto, ao convidar o adulto a brincar com a criança nesse registro, pode desencadear justamente a reação compulsiva do adulto. Esse registro do jogo do corpo foi, então, marcado com o selo da proscrição e constituiu uma falha na construção do corpo erógeno, que não deveria ser excitado sob pena de provocar uma descompensação. Sob o efeito da transferência, é possível, às vezes, aproximar-se desse jogo proscrito, com o risco de descompensar o paciente. Por vezes, contudo, com cautela e paciência, cercamos, por meio do trabalho de análise, esse jogo proscrito. Giramos ao seu redor durante várias sessões. Eis que, de repente, aparece em um sonho do paciente, sob a forma de um agir expressivo, perfeitamente identificável pelo analista, sob a forma de uma imagem de mobilização específica do corpo do paciente, que o sonho produziu graças à regressão formal. O caminho da subversão libidinal dos jogos corporais proscritos passa, portanto, por uma etapa onírica de produção de imagens.

Existem outras vias além da perlaboração pelo sonho para percorrer esse caminho? Sim, há uma outra que é poderosa, a sublimação, quando consegue produzir uma forma figurada equivalente à do sonho. No entanto, em minha experiência clínica com pacientes artistas, constatei que o surgimento da forma figurada na criação artística foi precedido por um trabalho do sonho exatamente do mesmo tipo que descrevi. Mas esse talvez não seja um bom argumento, pois esses artistas estavam em análise. É plausível que esse processo ocorra na ausência de qualquer psicanálise, no curso da própria criação artística.

Ainda podem existir outras vias; mas se existem, não as identifiquei.